

# Glauco MATTOSO

## O JOGO DO JUGO

6/3/2006 [20] **Quando o ceguinho queima a língua**

[http://www.cronopios.com.br/site/colunistas.asp?id\\_usuario=28&id=1092](http://www.cronopios.com.br/site/colunistas.asp?id_usuario=28&id=1092)

O grau de sofrimento físico que uma pessoa consegue suportar pode ser medido pelas queimaduras: se na tortura real a vítima chega a ser queimada viva (como nos tempos da Inquisição ou, mais recentemente, nos morros cariocas), na cena SM bastam algumas gotas de cera derretida, pingadas numa vela acesa sobre o corpo da pessoa dominada, para que esta tenha a noção do que poderia sobrevir caso não cumpra seu papel. Tal gradação, tão importante a ponto de fazer a diferença entre a vida e a morte, só é possível se o carrasco tiver pleno domínio do seu ofício: em outras palavras, se for um profissional ou... um artista. Também fica claro que a "dosagem" só pode ser controlada se estiver na mão de uma única pessoa, já que, como diz o ditado, "panela que muitos mexem ou sai crua ou sai queimada"...

Na literatura não há exemplo mais eloqüente da arte na mão do torturador que o romance de Octave Mirbeau, *O JARDIM DOS SUPLÍCIOS*, no qual salta aos olhos a distância que vai do profissionalismo do carrasco "civilizado" à instintiva selvageria popular -- esta tipificada nos linchamentos e nas execuções em praça pública, quando o que prevalece, ao invés da tortura "científica", é o puro sadismo coletivo, sanguinário e descontrolado. O cenário do romance é a China imperial, visitada por viajantes estrangeiros, diante dos quais os prisioneiros eram supliciados a título de atração turística. O ambiente é tão alucinante e onírico que nem parece baseado em fatos verídicos. O principal requinte da "penitenciária" chinesa (infinitamente mais criativo que a fantástica máquina imaginada por Kafka em *NA COLÔNIA PENAL*) é que todas as sessões de tortura são executadas ao ar livre, no meio dum bosque e à vista dos turistas, especialmente ocidentais, ávidos de exotismo e morbidez. Ali a arte do torturador se torna um espetáculo a céu aberto, uma exibição de perícia e paciência para "maravilhar" os espectadores. Entretanto, prefiro transcrever uns trechos em que os visitantes ainda nem chegaram ao jardim e já podem prelibar a desgraça dos presos enjaulados e "encoleirados" às cangas, tratados como feras num zoo-ilógico. Naqueles trechos o que se nota é o comportamento da massa irracional, aquele populacho capaz de linchar sem nenhum método ou posologia -- mas onde o sadismo mais natural e primitivo mostra sua cara:

"Na ponte muda o espetáculo mas o cheiro piora, esse cheiro tão característico da China, que faz pensar em podridão e morte, nas cidades como nas florestas e planícies.

Amontoam-se, umas sobre as outras, pequenas lojas imitando os pagodes, tendas em forma de quiosque, envoltas em estofos claros e sedosos, sombrinhas enormes postas em carros e açafates rolantes. Nessas lojas, sob essas tendas e sombrinhas, gordos mercadores de barriga de hipopótamo vestidos de amarelos, azuis e verdes gritam e batem em gongos para atrair os clientes, vendem porcarias de toda a espécie: ratos mortos, cães afogados, bocados de veado e de cavalo, criação purulenta, tudo misturado em grandes alguidares de bronze.

-- Aqui... aqui... por aqui! venham por aqui!... E vejam!... e escolham!... Não encontrarão melhor noutra sítio... Não há mais podre que isto.

E procurando nos alguidares mostram na ponta de compridos ganchos de ferro, como bandeiras, nojentos bocados de carne saniosa e, com caretas horríveis que acentuam as cicatrizes vermelhas das caras, fazendo-a parecer uma máscara, repetem no meio do bater dos gongos e dos clamores concorrentes:

-- Aqui... aqui... por aqui!... Venham por aqui... e escolham... Em nenhum sítio encontrarão melhor... não há nada de mais podre...

Logo que entrámos na ponte Clara disse-me:

-- Ah! estás a ver, estamos atrasados. A culpa é tua!... Despachemo-nos.

Com efeito na ponte agitava-se uma numerosa multidão de chinesas e algumas inglesas e russas -- porque de homens havia muito poucos, tirando os carregadores. Vestidos bordados de flores e borboletas em metamorfose, sombrinhas multicores, aventais redopiando como pássaros, e risos, e gritos, e alegria e luta, tudo isso vibrava, reluzia, cantava, voava ao sol, como uma festa de vida e de amor.

-- Aqui... aqui... por aqui... Venham por aqui...

Tonto pela confusão, atordoado pelos guinchos dos mercadores e pelas vibrações sonoras dos gongos, quase precisei bater-me para penetrar na multidão e proteger Clara dos insultos de uns, das pancadas de outros. Combate ridículo, na realidade, porque eu não tinha resistência nem força e sentia-me levado por este tumulto humano tão facilmente como a árvore morta arrastada pelas águas furiosas da corrente... Quanto a Clara atirava-se para o mais cerrado da multidão. Suportava o contacto brutal e, por assim dizer, a violação de toda aquela gente com um prazer apaixonado... a certa altura exclamou, orgulhosamente:

-- Vê, querido... o meu vestido está todo rasgado... É delicioso!

Muito nos custou arranjar passagem até às lojas apinhadas, sitiadas como para uma pilhagem.

-- Olhem e escolham! Não encontrarão melhor noutro sítio.

-- Aqui... aqui... por aqui!... Venham por aqui!

Clara tirou a amorosa pequena forquilha das mãos do boy que nos seguia com o seu amoroso cesto e procurou nos tachos:

-- Procura também tu!... procura, amorzinho!...

Julguei que o coração ia falhar por causa do detestável cheiro a cadáveres que exalavam essas lojas, esses tachos remexidos por toda a multidão atirando-se às porcarias como se fossem flores.

-- Clara, querida Clara -- implorava eu. -- Vamos embora daqui, peço-lhe!

-- Oh! como está pálido! E por quê?... Então não acha muito divertido?...

-- Clara... querida Clara! -- insistia. -- Vamos embora daqui, suplico-lhe!... É-me impossível suportar mais tempo este cheiro.

-- Mas não cheira mal, meu amor... Cheira a morte, eis tudo!...

Não parecia incomodada... Nenhuma ruga de enjoo riscava a sua pele branca, tão fresca como uma flor de cerejeira. Dir-se-ia, pelo ardor velado dos olhos, pelo estremecer das narinas, que experimentava uma alegria de amor... Aspirava a podridão, com avidez, como se fosse um perfume.

-- Oh! que bonito... que bom bocado!...

Com gestos graciosos encheu o cesto com aquelas imundícies.

E continuámos o nosso caminho penosamente, através da multidão superexcitada e dos cheiros abomináveis.

-- Depressa!... depressa!..." (...)

"A cadeia fica à beira do rio. Os muros quadrangulares fecham um terreno de mais de cem mil metros quadrados. Nem uma única janela; como abertura só a enorme porta coroada de dragões vermelhos e de pesadas barras de ferro. As torres das sentinelas, torres quadradas no alto de

telhados de cantos curvos, marcam os quatro ângulos da sinistra muralha. Outras, mais pequenas, espaçam-se a intervalos regulares. À noite todas essas torres se iluminam como faróis e projectam a toda a volta da prisão, sobre a planície e o rio, uma luz denunciadora. Uma dessas muralhas mergulha na água negra, fétida e profunda, os alicerces atapetados por algas viscosas. (...) Tinham armado tendas onde se bebia chá e se debicavam bonitos bombons, pétalas de rosa e acácias envoltas em finas massas cheirosas e polvilhadas de açúcar. Noutras, músicos tocavam flauta e poetas diziam versos enquanto o 'punka', agitando o ar abrasado, espalhava uma ligeira frescura, uma leve brisa nas caras. E vendedores ambulantes vendiam estampas, lendas antigas de crimes, descrições de torturas e suplícios, fotografias e marfins estranhamente obscenos. (...) A porta da cadeia abria-se para um comprido corredor escuro. Do fundo, mais para além do corredor, chegavam sons fracos de sino, atenuados pela distância. Clara, feliz, batia palmas por os ter ouvido.

-- Oh! querido!... O sino!... O sino!... Estamos com sorte... Não estejas triste... não estejas doente, peço-te!...

Empurravam-se tanto à entrada da cadeia que os polícias a custo mantinham um pouco de ordem no tumulto. Tagarelices, gritos, estertores, esfregar de tecidos, choques de sombrinhas e de leques, foi nessa confusão que Clara entrou resolutamente, tão excitada por ter ouvido o sino, que eu nem ousava perguntar-lhe por que tocava assim nem o que significavam os toquezitos surdos, os toquezitos longínquos que tanto prazer lhe davam! (...) Mas pouco avançávamos apesar do esforço dos boys dos cestos, que tentavam abrir caminho às senhoras por meio de cotoveladas. Carregadores altos e façanhudos, horrivelmente magros, peito nu cheio de cicatrizes sob os andrajos, mostravam no ar, por cima das cabeças, cestos cheios de carne cuja decomposição o sol acelerava. (...) O corredor era grande, iluminado por uma clarabóia que através do vidro opaco apenas deixava passar uma luz fraca de velarium. Uma sensação de frescura húmida, quase de frio, envolveu-me inteiramente como uma carícia de ponte. As paredes gotejavam, como se fossem paredes de gruta subterrânea. (...) Na parede da direita havia grandes células, ou melhor, grandes gaiolas fechadas com grades e separadas umas das outras por espessas divisórias de pedra. Cada uma das primeiras dez era ocupada por dez condenados; e em todas se repetia o mesmo espectáculo. O pescoço apertado numa gola tão larga que era impossível ver os corpos, dir-se-iam horríveis cabeças vivas de decapitados pousadas em mesas. Agachados entre os excrementos, mãos e pés acorrentados, não podiam estender-se, nem deitar-se, nem descansar nunca. O menor movimento, deslocando a gola à volta do pescoço em carne viva e da nuca sangrando, fazia-lhes soltar gritos de dor, aos quais misturavam atrozes insultos a nós e súplicas aos Deuses, alternadamente. Eu estava mudo de espanto. Ligeira, com elegantes arpejos e gestos requintados, Clara escolheu no cesto do boy alguns pequenos bocados de carne que deitou graciosamente, pelas grades, na gaiola. As dez cabeças inclinaram-se simultaneamente nas golas oscilantes; os vinte olhos salientes deitaram simultaneamente para a carne olhares intensos, olhares de terror e fome... Depois um mesmo grito de dor saiu das dez bocas crispadas... E, conscientes da sua impotência, os condenados não se mexeram mais. Conservaram a cabeça ligeiramente inclinada e como prestes a escorregar pelo declive da gola, os traços da cara descarnada e pálida crispados numa careta fixa, numa espécie de riso imóvel.

-- Não podem comer -- explicou Clara. -- Não podem apanhar a carne...

Claro!... com aqueles engenhos, compreende-se... No fundo isso não é muito novo... É o suplício de Tântalo, aumentado pelo horror da imaginação chinesa... Hein?... achas, apesar de tudo, que há pessoas infelizes?...

Deitou, através das barras, mais um pequeno pedaço de carne podre que, caindo no canto de uma das golas, lhe imprimiu um ligeiro movimento de oscilação... A esse gesto responderam surdos resmungos; ao mesmo tempo nos vinte olhos acendeu-se uma raiva mais feroz e mais desesperada... Instintivamente Clara recuou:

-- Estás a ver -- prosseguiu, num tom menos seguro. -- Diverte-os que eu lhes dê carne... faz-lhes passar um pouco o tempo, a esses pobres diabos... proporciona-lhes um pouco de ilusão... Vamos... vamos!...

Passámos lentamente diante das dez gaiolas. Mulheres paradas soltavam gritos ou riam às gargalhadas, outras entregavam-se a mímicas apaixonadas. Vi uma russa muito loura, de olhar branco e frio estender aos supliciados, na ponta da sombrinha, uma ignóbil porcaria esverdeada que avançava e recuava, alternadamente. E retraindo os lábios, mostrando as presas como cães raivosos, com expressões de fome que nada tinham de humano, eles tentavam agarrar a comida, que fugia sempre das suas bocas babadas. Havia curiosos seguindo todas as peripécias daquele jogo cruel com um ar atento e divertido." (as diferenças ortográficas e de tratamento -- mistura de "tu" com "você" - - são devidas à edição portuguesa)

De fato, as mesmas pessoas que, individualmente, demonstram compaixão e generosidade são aquelas que, em grupo, revelam-se insensíveis e impiedosas. Ilustro tal situação com o seguinte caso que vivenciei: pouco tempo depois de ter perdido a visão, eu ainda teimava em sair sozinho, tentando me adaptar à bengala. Nunca me aventurei a dar mais que uma volta no quarteirão, para não ter sequer que atravessar a rua, mas mesmo assim os obstáculos me obrigavam a caminhar parando a cada passo, e eu ia me deslocando feito tartaruga. Certa manhã, completado o périplo, meu prédio já estava bem próximo quando, em sentido contrário, ouço a algazarra duma turma de crianças que vem pela mesma calçada.

Deviam ser alunos do colégio que fica a uma quadra, e já estavam animados com algum assunto que lhes tinha provocado muito comentário e muito riso, talvez um bêbado ou um mendigo, ou mesmo um dos coleguinhas que virava alvo das gozações. De repente me avistam e, ainda de longe, começam a gritar: "Olha lá, olha lá! O ceguinho!" Resolvo continuar no mesmo ritmo e esperar que passem por mim o quanto antes. Mas eles se aproximam, param à minha volta e gritam entre si, como se eu fosse um bicho incapaz de responder: "Olha o ceguinho de bengala!" "Quase não sai do lugar!" "Não vai chegar nunca!" "Chuta a bengala dele!" "Dá uma rasteira!" "Empurra ele na sarjeta!" "Vamos passar por cima!" As gargalhadas e a gritaria abafam outras frases que não pude memorizar.

Parei e fiquei esperando o pior, mas decidi que não adiantava ameaçar, nem negociar, nem implorar. Sorte minha que a molecada não partiu da palavra para a ação. Vendo que eu permanecia impassível, seguiram caminho e, já na esquina, mudaram de assunto assim que notaram algum carrinho de pipoca ou de cachorro-quente passando do outro lado da rua.

Refeito do susto, alcancei o portão do prédio e entrei incólume, com toda a zombaria ainda ecoando no ouvido. O que mais marcou foi quando, no meio do grupo, alguém chamou pelo Zorro, que respondeu rindo e cuja voz reconheci proferindo as frases mais instigantes, tipo "Vamos jogar ele no chão! Vamos pisar nele!" Não esqueço aquela voz nem aquele apelido porque era o mesmo moleque que, semanas antes, cruzara comigo na rua e se prontificara a me acompanhar, para que eu não pisasse no cimento fresco duma obra que estava sendo terminada logo à frente e na qual eu certamente me acidentaria. O garoto me pegara pelo braço, me ajudara a passar pela obra andando no asfalto e depois me deixara novamente na calçada, num ponto seguro donde eu pudesse prosseguir em linha reta. E foi o tal Zorro (ouvi que alguém o chamava logo depois que me acompanhou) quem, no meio dos molequinhos mais novos, se portava como o mais feroz dos cachorros raivosos, talvez só para se mostrar... Mal sabia ele que suas últimas frases me foram mais comovedoras que seu

gesto de escoteiro, já que me deram motivo para fantasiar sobre seus pisões e chutes...

Eis a razão pela qual, se alguma vez cheguei a comentar com um vizinho acerca da solidariedade humana e da boa vontade dos jovens, não tardou para que tivesse de engolir o que disse. Pensando em todos os lincháveis que, com ou sem motivo, caem nas mãos (ou aos pés) dos linchadores, escolhi os sonetos abaixo. Apreciem vocês, e até a próxima!

## SONETO HOLOCÁUSTICO [Glauco Mattoso]

Pegaram um tarado que mexia  
no mato com a filha do pedreiro.  
Lincharam-no ali mesmo, qual vespeiro.  
Correu a farra até o final do dia.

Moleques tinham parte na folia.  
Flambaram o coitado com isqueiro.  
Seus olhos atulharam com argueiro,  
e a boca da privada foi bacia.

No fim, queimaram vivo o desgraçado  
pra vê-lo debater-se em sofrimento.  
Achavam o espetáculo engraçado.

Me lembro de seu choro e seu lamento,  
a cara sob a sola do calçado  
de gente igual a tão mau elemento.

## SONETO MASSACRADO [Glauco Mattoso]

Foi nosso o melhor "snuff", onde o alvoroço  
da turba que linchava era cenário  
do audaz cinegrafista no lendário  
massacre em Matupá, no Mato Grosso.

Dois míseros bandidos dão, no insosso  
marasmo do local, motivo hilário  
a adultos e moleques que, após vários  
suplício, inda lhes pisam no pescoço!

A cena mostra a bota sobre o rosto  
dum deles, obrigado ao vão pedido --  
"Perdão!" -- sob a risada e olés de gosto!

Depois atei fogo e entra alarido --  
"Rebola, peão!" -- quando o descomposto  
par torce-se e esperneia! É divertido!

**Glauco Mattoso** (paulistano de 1951) é poeta, ficcionista e ensaísta, autor de mais de trinta títulos, entre os quais as antologias "VÍCIOS PERVERSOS: CONTOS ACONTECIDOS" e "POESIA DIGESTA: 1974-2004", além dos romances "MANUAL DO PODÓLATRA AMADOR: AVENTURAS & LEITURAS DE UM TARADO POR PÉS" e "A PLANTA DA DONZELA". E-mail: [glaucomattoso@uol.com.br](mailto:glaucomattoso@uol.com.br)